

CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA UNIVASF E SUAS IMPLICAÇÕES

Marcello Moisés Dias da Silva¹

Geida Maria Cavalcanti de Souza²

Aliny Paiva Sousa³

Resumo: Com a crescente evolução no ramo das tecnologias de informação e comunicação (TIC), percebe-se a possibilidade da mudança nos processos educativos, onde a questão da democratização do acesso ao conhecimento tornou-se questão central, especialmente quando se fala na modalidade de ensino a distância. Este estudo objetivou refletir sobre as concepções dos docentes a respeito de Educação a Distância, considerando suas implicações nessa modalidade de ensino, para que possam contribuir com as políticas de ensino em EaD. Esta pesquisa aconteceu no período 2010-2011, na Universidade Federal do Vale do São Francisco, no campus de Petrolina-PE e de Juazeiro-BA. Para tanto, foram selecionadas aleatoriamente duas amostras, com 10 docentes cada, uma com professores que participaram de alguma capacitação em Educação a Distância e outra dos que não participaram, realizando-se entrevistas e, posteriormente, uma análise dos discursos. Percebeu-se, nos dados encontrados, que os participantes de alguma das capacitações oferecidas pela SEAD/UNIVASF modificaram sensivelmente sua visão sobre a EaD, mostrando-se favoráveis à utilização de recursos tecnológicos nos processos de ensino, assim como da modalidade a distância, além de terem uma visão crítica e realizarem importantes ressalvas que podem ser devidamente apreciadas em estudos futuros. Assim, necessita-se ampliar o debate e articular ensino presencial – a distância, a fim de desmitificar certas resistências a respeito da EaD e criar condições favoráveis para uma construção mais coletiva, envolvendo mais atores no processo e criando-se uma cultura mais reflexiva sobre as práticas a distância.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação; processo educativo; concepções dos docentes; educação a distância.

¹ Graduado em Psicologia na Universidade Vale do São Francisco-UNIVASF.

² Doutora em Psicologia, Mestre em Educação, Professora de Comunicação e Expressão.

³ Estudante de psicologia da Universidade do Vale São Francisco- UNIVASF.

CONCEPTS OF DISTANCE LEARNING AND ITS IMPLICATIONS AT UNIVASF

Abstract: With the growing development in the field of information and communication technologies (ICT), we see the possibility of changes in educational processes, in which the democratization of access to knowledge has become the central issue, especially when it is related to distance learning. This study aimed to reflect on the conceptions of teachers about Distance Learning considering its implications in this type of education, so that they can contribute to the educational policies on it. This research took place in the period 2010-2011, at Federal University of São Francisco Valley, on the campus of Petrolina-Pernambuco and in Juazeiro-Bahia. To this end, two samples were selected randomly, with 10 teachers each, one with teachers who participated in some training in Distance Learning and others who did not take part in it, performing interviews and subsequently an analysis of discourses. The data found showed that participants in some of the courses offered by SEAD / UNIVASF significantly changed their outlook on Distance Learning, being favorable to the use of technological resources in teaching, as well as the distance learning. Besides that they presented critical and important considerations that can be properly considered in future studies. Thus it is necessary to broaden the debate and articulate classroom teaching and learning distance in order to demystify certain resistances regarding this kind of teaching and create favorable conditions for a more collective construction, involving more actors in the process and creating a more reflective culture about practices in Distance Learning.

Keywords: Information and Communication Technologies; educational process; teacher's conception; learning distance.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) não é um processo novo ou recente na história da humanidade. Desde tempos antigos, essa modalidade vem se constituindo como importante fonte de produção e disseminação de informações e conhecimentos entre as pessoas. Transformações significativas nessa área vêm ocorrendo associadas à evolução das chamadas Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC).

Com o advento da tecnologia informacional, especialmente ligadas aos computadores e internet, a Educação a distância passa a ser vista como alternativa viável para responder às demandas de acessibilidade ao ensino e à qualificação profissional de mão de obra, num contexto contemporâneo que exige níveis cada vez maiores de especialização dos trabalhadores (PRETI, 1996; ASSIS, 2003; SALDANHA, 2008; MOÇO; MARTINS, 2009).

Com efeito, torna-se fundamental realizar reflexões sobre as novas práticas pedagógicas relativas a essa modalidade de ensino e os impactos que as recentes tecnologias têm desempenhado no processo ensino - aprendizagem.

A Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), através de sua Secretaria de Ensino a Distância (SEAD), vem desenvolvendo, desde 2006, projetos de ensino, pesquisa e extensão relacionados à EaD, sendo, nessa conjuntura, importante observar as concepções dos docentes dessa instituição acerca da temática, a fim de auxiliar no processo de construção dessa modalidade na universidade.

Objetivou refletir sobre as concepções dos docentes a respeito de Educação a Distância, considerando suas implicações nessa modalidade de ensino, para que possam contribuir com as políticas de ensino em EaD.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação a Distância não é um processo novo ou recente na história da humanidade. Desde tempos antigos, essa modalidade vem se constituindo como importante fonte de produção e disseminação de informações e conhecimentos entre as pessoas, havendo uma transformação nessa área, acompanhando o progresso relacionado às chamadas Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC).

As primeiras metodologias de transmissão de conhecimento são associadas às correspondências, cartas, documentos, entre outros meios. Posteriormente, os veículos de comunicação em massa começaram a desempenhar importante papel na evolução do ensino a distância, através do alcance de um contingente populacional cada vez maior (ASSIS, 2003).

A questão da acessibilidade torna-se central nas discussões sobre ensino nessa modalidade, sendo uma das principais vantagens apontadas e, ao mesmo tempo, o maior alvo de resistências, quando se percebe a intensa disseminação de cursos dessa natureza.

Com o advento da tecnologia informacional, especialmente com os computadores e a internet, a educação a distância passa a vista como uma alternativa viável para responder às

demandas de acessibilidade ao ensino e a qualificação profissional d mão de obra, num contexto contemporâneo que exige níveis cada vez maiores de especialização dos trabalhadores (PRETI, 1996; ASSIS, 2003; SALDANHA, 2008; MOÇO, MARTINS, 2009).

Inicialmente, deve-se pontuar que se trata de uma modalidade de ensino que não tem, em sua essência, qualquer natureza substitutiva em relação à educação presencial ou tradicional, sendo mais ou menos marcante em determinada estrutura de ensino-aprendizagem, devendo ser configurada de acordo com uma série de fatores, desde o perfil do público a que se destina a cultura local, os meios tecnológicos e os materiais disponíveis, o nível de formação dos atores envolvidos (tutores, coordenadores, etc.).

Por tratar-se, como acima exposto, no mundo atual, de uma modalidade potencialmente interessante de educação, para responder aos desafios do mercado de trabalho e das novas experiências relacionais geradas pelas transformações decorrentes do progresso tecnológico, corre-se o risco de uma disseminação de ações nessa área, sem a devida apreciação reflexiva, que um projeto tão complexo quanto esse merece, tendo em vista uma perspectiva pedagógica emancipatória e democrática e não meramente utilitarista e pragmática.

Com efeito, ter em mente do que se trata Educar e Ensinar a Distância, suas peculiaridades, objetivos, metodologias potenciais, atores envolvidos, torna-se algo essencial quando se pensa num projeto pedagógico onde os alunos e professores estejam envolvidos com a produção e construção de conhecimento, para uma transformação da realidade individual e social, comprometidos com uma educação que construa cidadãos realmente capacitados para lidar com suas próprias questões e para desempenhar suas funções na sociedade (PRETI, 2005).

Caracterizar a Educação a Distância nem sempre é tarefa simples. De acordo com Cruz, Lima e Padilha (2009):

O artigo 1º do Decreto 5.622 de 2005 que regulamenta o artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96) caracteriza a EAD como uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Com efeito, alguns pontos parecem ser significativos nessa modalidade:

- A relação espaço / tempo é diferenciada. Na maior parte do processo de ensino – aprendizagem, dificilmente há uma contiguidade física entre os atores envolvidos;
- O perfil dos alunos tem distinções em relação ao dos que realizam a educação presencial, sendo em sua maioria adultos e trabalhadores sem oportunidade de ingressar num sistema formal de ensino, buscando complementação profissional ou uma formação universitária (PRETI, 2005; CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009; MARTINS, A.R.; MOÇO, A., 2009);
- A relação professor / aluno é, em sua grande maioria, mediada por diversos dispositivos; no mundo atual, especialmente pelos meios informatizados (ASSIS, 2003).

Esses três pontos centrais trazem consigo diversas implicações. O estudante de uma modalidade EaD, por ter sua relação com os tutores, colegas, materiais de estudo (ambientes virtuais de aprendizagem) de forma mediada pelas TIC, e, havendo muito mais flexibilidade espacial/temporal, deve ser muito mais ativo na busca de conhecimento, haja vista que acaba optando por horários de estudo, conteúdos a serem pesquisados, local de acesso, entre outros.

A ênfase recai muito mais sobre a ação discente do que na modalidade presencial, sendo a autonomia e o potencial de autoaprendizagem do aluno algo central a ser considerado na Educação a Distância (PRETI, 2005), na formulação dos cursos, no material de estudo desenvolvido, nos ambientes virtuais construídos para tal finalidade, na postura dos tutores, nas políticas públicas relacionadas, tendo em vista as características desse modelo educativo.

Não se deve, contudo, cair no equívoco de que o aluno torna-se um solitário em sua trilha de aprendizagem, pois, não é disso que se trata. Mediação, especialmente quando se pensa nas distâncias geográficas dos atores envolvidos numa modalidade EaD, significa que

o contato está sendo estabelecido de outra forma, por um outro meio que não requer a presença física num mesmo local e horário.

Portanto, as tecnologias de informação e comunicação na EaD devem ser vistas como meio para potencializar a interatividade entre alunos e tutores, o potencial de estabelecer contato, trocar informações e experiências, realizar a construção coletiva e conjunta de conhecimento independente de disposições pré-estabelecidas (ASSIS, 2003; CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009).

Mesmo se configurando em um processo de interação via multimeios, especialmente a internet, alunos e professores continuam em modificações e afetações mútuas, especialmente quando se pensa na troca de e-mails, envio e recebimento de materiais de estudo, trabalhos realizados em equipes, chats, videoconferência, entre outras possibilidades.

A EaD não pressupõe o isolamento, apenas as interações humanas se processam de outra maneira. O estudante ainda é dependente de feedback de seus professores, interage com ferramentas diversas disponíveis nos multimeios, ainda opera a máquina (ASSIS, 2003).

O tutor aparece como figura fundamental, sendo aquele que orienta, dirige, e dá um suporte à aprendizagem dos alunos. Ele possui uma função pedagógica, no sentido de promover um ambiente estimulador para tal aprendizagem e a interação entre os alunos por meio de sua mediação, gerenciando o agendamento de atividades do curso, acompanhando sistematicamente os alunos, sendo então responsável pelo contato imediato com os cursistas (MARTINS, A. R.; MOÇO, A., 2009). O tutor, em sua prática profissional, deve ter consciência de que um aluno de EaD está inserido numa realidade cultural e conhecer a demanda desses alunos.

Já os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) devem ser compreendidos como meios interativos e de construção colaborativa do conhecimento, e, assim sendo, veículos centrais para o desenvolvimento de níveis cada vez maiores de autonomia e autoaprendizagem, na medida em que o aluno é membro ativo em uma comunidade de

produção de informação, troca de experiências e relacionamento interpessoal (CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009., PRETI, 2005; ASSIS, 2003).

Diante das características acima expostas na EaD, faz-se importantes iniciativas e estudos na área, visando que se tenha cursos e iniciativas que prezem cada vez mais por uma educação de qualidade no país, na formação de cidadãos conectados ao seu tempo e capacitados a vivenciar a vida de modo mais produtivo e consciente, sem cair no ufanismo gerado pela evolução da tecnologia, a redução de custos, a disponibilidade de acesso geográfico e expansão, que tem contribuído para a proliferação imensa dessa modalidade, sem uma reflexão mais crítica sobre as questões pedagógicas e seus efeitos sobre alunos e sociedade.

A EaD na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) começou a ser discutida em 2006, tendo como marco inicial a instalação da plataforma Moodle, numa parceria entre a Pró-Reitoria de Ensino (PROEN) e a Secretaria de Tecnologia e Informação (STI). A partir de Março de 2007, a sensibilização sobre EaD e a disponibilização de cursos se iniciou nessa universidade, aderindo em 2009 ao Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB).

No mesmo ano, outros marcos importantes foram a aprovação no CONUNI e na CAPES de cursos de graduação, assim como a aprovação no MEC / SECAD de cursos de graduação e especialização. Em abril de 2010, foi criada a Secretaria de Educação a Distância (SEAD).

Entre as atividades desenvolvidas pela SEAD estão: oferta de Cursos de capacitação em EAD; produção de material impresso e audiovisual; coordenação da central de tutoria; gestão do serviço de *webconferencia*; gestão do ambiente virtual *Moodle*; desenvolvimento de novas metodologias e serviços apoiados em TICs.

Seus objetivos a médio e longo prazo são expandir a oferta de vagas em cursos de graduação; ofertar de cursos de formação continuada para desenvolvimento regional; criar cursos de Especialização nas diversas áreas de atuação da UNIVASF; criar Mestrado Profissional em Educação para docentes da rede básica; motivar a oferta de disciplinas na

modalidade a distância; desenvolver novas e melhores estratégias de ensino; atuar como referência regional na produção de materiais para EAD.

No que se referem aos projetos a serem desenvolvidos, estão a criação de cursos de Extensão, Graduação e Pós-Graduação *via* UAB; o Projeto Telessaúde Brasil via Ministério da Saúde e Finep; a criação de projetos de Desenvolvimento Regional e Extensão Rural via MDA; o estabelecimento de convênios com Estados e Municípios e potenciais parcerias com a Petrobras e a Vale.

É um processo recente na UNIVASF, tendo apenas 6 anos. Ouvir os atores envolvidos no processo torna-se algo essencial, para compreender como o desenvolvimento do campo tem sido observado e analisado e avaliar, mais a fundo, benefícios e questões que devem ser reformuladas, tanto em nível político quanto pedagógico, considerando o regime democrático que vivemos e que deve ser difundido em termos de ações concretas nessa modalidade, a fim de fortalecê-la, prezando sempre pela qualidade.

METODOLOGIA

A pesquisa aconteceu em 2010-2011, envolvendo docentes da Univasf, campus de Petrolina-PE e de Juazeiro-BA, por meio de entrevistas, com 13 questões relacionadas a aspectos chave na Educação a Distância, sendo que as questões de 01 a 08 envolveram aspectos mais gerais dessa modalidade e da educação como todo, e foram aplicadas às duas amostras. Já as questões de 09 a 13 foram mais específicas, relacionadas às capacitações que os docentes da primeira amostra participaram pela UNIVASF.

As duas amostras foram selecionadas aleatoriamente, cada uma com dez docentes, sendo uma composta por professores que participaram de capacitação numa modalidade a distância (nomeada de Grupo 1), oferecida pela UNIVASF e, a outra, por docentes que não tiveram essa experiência (Chamada Grupo 2), a fim de observar, nos discursos, possíveis distinções nas concepções daqueles que participaram ou não de cursos EaD. O critério de exclusão para ambas as amostras foi não ser do quadro docente efetivo da UNIVASF. Para a

amostra dos que participaram de capacitação, outro critério de exclusão foi ter participado de alguma capacitação em EaD pela UNIVASF.

Para o sorteio da amostra dos que não participaram de capacitação, realizou-se, seguindo a ordem alfabética, a numeração dos cursos da UNIVASF e, posteriormente, dos docentes do curso selecionado, seguindo o mesmo critério (ordem alfabética), até que dez fossem sorteados. Optou-se, apenas para assegurar que houvesse maior número de cursos contemplados, que o máximo de docentes sorteados seria de três por curso. Em relação à amostra dos que não participaram de capacitação, aqueles que participaram de cursos foram numerados em ordem alfabética, independentemente do curso ao qual estavam vinculados.

Após esse procedimento, contatou-se os docentes e foram realizadas as entrevistas nos respectivos colegiados acadêmicos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, constando a natureza do projeto e as disposições éticas, foi devidamente lido e assinado por todos os participantes. O áudio da entrevista foi gravado, tendo permissão prévia dos entrevistados, apenas para facilitar as posteriores transcrições.

Os discursos dos docentes foram organizados em uma tabela, questão por questão, sendo essa dividida em três colunas: Panorama de Trecho (a fala do docente na questão foi reproduzida integralmente); Panorama Detalhado (algumas falas mais relevantes ou frequentes foram destacadas) e Panorama Resumido (construção de categorias com base nas falas).

Após a organização e processamento dos dados, considerando o panorama resumido, por meio da análise do discurso, houve a comparação das respostas dos docentes das duas amostras nos itens de 01 a 08, a fim de verificar se houve distinções significativas nas concepções ligadas a Educação a Distância, pelo fato de alguns possuírem experiência na modalidade e outros, não, dialogando com o que vem sendo discutido acerca da modalidade.

Em relação às questões de 09 a 13, específicas sobre as capacitações oferecidas pela UNIVASF que os docentes da amostra dos capacitados participaram, analisaram-se as respostas dadas como forma de observar a avaliação feita, possíveis dificuldades, visão geral, pontos positivos observados e a aprendizagem sobre EaD desenvolvida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ambas as amostras, de maneira geral, destacaram ao longo do questionário uma visão bastante abrangente sobre a Educação, Ensino e Aprendizagem, concebendo-a segundo uma perspectiva que pressupõe sempre uma relação. Constam, nos resultados, os aspectos Concepção de educação e de ensino, Relação professor-aluno, Uso de recursos tecnológicos, O aprender, As principais influências enquanto docente, As principais influências enquanto docente e novos processos educacionais, Aspectos positivos e negativos no ensino presencial e a distância e Reflexões do Grupo 1 sobre a capacitação que participaram.

1. Concepção de educação e de ensino

De modo mais específico, discutindo a *concepção de educação*, os dois grupos a conceberam de forma similar, através de termos que remeteram a uma “concepção ampliada de educação”, envolvendo não só “formação técnica”/“preparação profissional” mais uma “formação humana”; sendo vista nos discursos, da maioria dos docentes, como uma “via de duas mãos”, onde ocorreria “aprendizado mútuo”. Percebe-se que a dimensão relacional e colaborativa que envolve a educação, além de sua abrangência a diversos aspectos da vida, é algo presente nos discursos dos entrevistados.

Sobre a *concepção de ensino*, houve uma preponderância nas falas dos docentes das duas amostras de que o ensino estaria ligado a “Metodologia” e “Transmissão de conhecimento”, sendo visto também como “via de duas mãos”, em que os envolvidos ensinariam um ao outro na experiência relacional.

Mesmo não sendo tão frequente nas falas, sendo pontos isolados, vale salientar que enquanto na amostra do Grupo 1 (participaram de capacitação) apareceu a concepção do aluno como membro ativo no processo de ensino; na amostra do Grupo 2 (não participaram de capacitação), apareceu a crença de que se refere a uma atividade específica do docente.

A Educação a distância pressupõe essa postura mais ativa dos discentes, o que se presentifica desde a constituição dos ambientes virtuais de aprendizagem, na busca de facilitar a manipulação de conteúdos, forma de contato, momentos de acesso, entre outros; na elaboração de material didático, nas práticas de tutoria, enfim, trata-se de um eixo central, na medida em que a relação espacial com os envolvidos no processo educativo é diferenciada da educação presencial (ASSIS, M. S., 2003; CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009; PRETI, O., 2005; MARTINS, A.R.; MOÇO, A., 2009).

Ensino, na perspectiva EaD ou mesmo nas correntes pedagógicas interacionistas, parece envolver, de fato, aspectos relacionais, não sendo algo tão específico da atividade docente, apesar de que o papel da docência se aproximaria muito do papel do outro mais experiente, na constituição de uma Zona de Desenvolvimento Proximal, de acordo com a teoria vygotskiana (CARVALHO, 2009).

O ensino como metodologia ou transmissão remete a necessidade de que o processo educativo sempre problematize suas práticas, independentemente da modalidade, para que atinja determinados fins, especialmente, a autonomia do estudante, capacitando-o a levar aquelas experiências para diversas áreas de sua vida (PRETI, 2005).

Os docentes do Grupo 1 pontuaram também vários outros aspectos como a crença numa “Diversidade de tipos de ensino”; de que “Ensinar é uma vocação”, “Não há concentração de saber”, ensinar está ligado a uma “Formação pessoal”, “Indissociabilidade ensino-aprendizagem”. A questão da “Não concentração de saber” foi algo recorrente nos discursos da amostra.

Com efeito, as relações de poder hierárquico no ambiente educacional chamaram atenção da amostra do Grupo 1. Interessante notar esse ponto, o aprofundamento sobre EaD, como modalidade que visa à democratização do ensino e à postura crítica e reflexiva do estudante (PRETI, 2005).

Na medida em que docentes começam a ter essa visão sobre a questão do saber, questionando uma posição a qual ocupam ou podem ocupar, podem-se visualizar movimentos críticos disparados pelas discussões na educação.

2. Relação professor-aluno

Sobre a *compreensão da relação professor-aluno*, a maioria dos docentes, de ambas as amostras, responderam que essa envolve e deve envolver “Aprendizado mútuo” e “Respeito mútuo”; devendo ser “Próxima”; “íntima”, “não desigual”.

Contudo, isso foi mais recorrente entre os docentes do Grupo 2, havendo discrepância no outro grupo. Além de alguns se colocarem segundo a postura acima exposta, outros colocaram acreditar que ela deva ser “Objetiva”; sendo “Contra contato pessoal”; acreditando na “hierarquia”; sendo professor e aluno “duas figuras distintas, com responsabilidades distintas”. Houve também uma terceira vertente, que visualiza a postura do docente como “Relativa ao perfil do aluno”.

Curiosamente, o discurso anterior do Grupo 1, sobre a questão da concentração do saber, encontra discrepâncias numa questão mais direta, envolvendo a relação professor-aluno. De um lado, alguns defendem a proximidade, enquanto outros enfatizaram a hierarquia. Não há como negar que professor e aluno ocupam papéis distintos, porém, há uma diferença radical entre funções diferentes e abuso de poder ou autoridade.

Sendo uma relação humana, a possibilidade de aprendizado mútuo, como colocado pela maioria dos docentes, é evidente (CARVALHO, 2009). Contudo, na medida em que uma hierarquia é mais valorizada do que os objetivos de aprendizagem da relação, o risco de reprodução de práticas educativas rígidas e pouco emancipatórias permanece.

Com efeito, também vale pontuar que há diferenças acerca de uma relação de proximidade e uma relação pessoal. Alguns docentes do Grupo 1 se colocaram contra a última, mas, não contra a primeira. Já entre os docentes do Grupo 2, muitos não veem problemas na relação pessoal, fora do ambiente educativo.

A postura de relativização adotada por docentes do Grupo 1 também merece apreciação. Segundo o que fora exposto, houve uma crença de que a postura docente deve ser adaptada ao contexto grupal e às características de cada aluno, requerendo alguns, por vários

motivos, como timidez, uma atenção maior, enquanto outros já gozariam de certa independência e autonomia mais desenvolvidas.

3. Uso de recursos tecnológicos

Sobre *avaliação do uso de recursos tecnológicos no processo ensino-aprendizagem*, algo similar entre as amostras, que apareceu na maioria dos discursos, foi uma avaliação com termos como “Positivo”, “Facilitadores da aprendizagem”, desde que haja uma “Contextualização (saber usar, como usar, quando usar)”. De fato, boa parte dos docentes, de ambas as amostras, colocaram os recursos tecnológicos como instrumentos mediadores da aprendizagem, que não a garantem pela mera utilização, mas, antes, como potencializadores do processo educativo, fornecendo oportunidades para a construção de metodologias de ensino de diversas maneiras, ressaltando a importância do uso ser produto de uma reflexão e de um domínio, para que possam ser bem explorados (SALDANHA, 2008; MARTINS, A.R.; MOÇO, A., 2009; CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009).

Outros aspectos pontuados, com certa frequência, entre os docentes do Grupo 1, foi que o uso de recursos tecnológicos promove “facilidade de comunicação”, mas “não substituem alunos e professores”, enquanto que no Grupo 2, houve discordância dentro da amostra quanto à questão de propiciarem, segundo a maioria, “Distanciamento”, enquanto outros creem que haja “maior interação”, devido ao uso.

Interessante notar a visão difundida na fala dos docentes de ambos os grupos, sobre a EaD como modalidade substitutiva à educação presencial, como termos como “não substituem alunos e professores”. A EaD não tem como objetivo ser substitutiva (ASSIS, 2003; PRETI, 2005), sendo uma modalidade de ensino que se adequa a determinados objetivos e contextos, devendo coexistir e ser, antes de tudo, articulada à educação presencial, tendo como norte sempre a aprendizagem significativa dos atores envolvidos.

Sobre a questão do distanciamento gerado pela máquina, aparece como preocupação recorrente também no Grupo 2. “A interatividade é determinada pelos atores que compõem o

cenário virtual (CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009); “a questão fundamental é a qualidade da comunicação entre as pessoas” (ASSIS, 2003).

As tecnologias de informação e comunicação estão a serviço do homem e são construções suas. A preocupação se justifica, assim como a crença de que pode haver maior interação, o que será dependente da disposição interativa dos atores envolvidos e de sua compreensão acerca da educação. As TIC são mediadoras, antes de tudo, e elas, por si só, não asseguram a interação ou a falta dela, mas, podem potencializar a interatividade dos membros de determinado curso, a depender de como o processo será conduzido, seja por tutores, coordenadores ou pelos alunos.

4. O aprender

Na *análise sobre aprender*, ambos os grupos se valeram de termos como “capacidade de absorver informações”, “assimilar”, “produto final”, “modificação do sujeito”, “ganho significativo”. Os docentes do Grupo 1 também usaram termos que remetem aos seguintes aspectos: “varia de indivíduo para indivíduo”, é “Mediada”, “Multifatorial”, depende de “Comprometimento pessoal”, “interesse do aluno”. Os dos outro grupo, voltaram-se a tópicos mais práticos, como “aplicar e transmitir conhecimento”. Nota-se que boa parte das falas foi relativa a aspectos mais individuais, chamando a atenção para as diferenças de perfil entre os alunos, a aprendizagem como algo dependente do indivíduo, diferentemente de respostas anteriores.

Poucos docentes remeteram à questão da mediação como responsável pela aprendizagem. Alguns do Grupo 1 citaram isso, concebendo-a como multifatorial e mediada. É preciso refletir sobre esse dado, haja visto que não se pode confundir a questão do aprendente autônomo como sendo alguém solitário, isolando os demais componentes do processo educativo.

A ideia de que o produto final da aprendizagem está ligado a uma modificação do sujeito não exclui e nem invalida o processo anterior, construído na relação com os demais e

com os recursos disponíveis. Pegando como ponto a ideia de ZDP de Vygotsky, remetendo às habilidades práticas para aplicar e transmitir o conhecimento pontuadas, podemos visualizar que a aprendizagem é multifatorial, construída em relação, até que o indivíduo gradativamente possua autonomia suficiente para lidar com determinadas questões (CARVALHO, 2009).

Resumir a complexidade do tema através da concepção de que depende apenas de “comprometimento pessoal” e “interesse do aluno” é uma visão deveras simplista do processo de aprendizagem, excluindo o papel da relação com o docente do jogo. Para Assis (2003), “a educação a distância não prescinde de forma nenhuma do professor. O que ela propõe é a transformação da função docente”.

5. As principais influências enquanto docente e novos processos educacionais

No que se referem às *principais influências enquanto docente (autores, linha teórica)*, foi predominante, nas duas amostras, a prática docente dos entrevistados seria oriunda da “Experiência (docente, discente, com outros docentes)”, não tendo, a maioria dos participantes “Nenhuma formação pedagógica”.

Outros pontos abordados em menor grau foram uma postura de “Ecletismo, sem nenhuma influência específica” e “Adequação da metodologia ao perfil dos alunos e do grupo”. As influências mais citadas foram “Paulo Freire”, “Piaget”, “Vygotsky”, e o “interacionismo”.

De fato, a experiência na área de conhecimento específica é fundamental, contudo, o baixo índice de formação ou qualificação em pedagogia ou áreas afins demonstra que, ainda, não está inserido, na cultura, uma necessidade de reflexão mais consistente das práticas e metodologias de ensino – aprendizagem, havendo uma postura talvez muito mais utilitária na educação, sendo a formação específica para a área de conhecimento e não para a docência, tida como suficiente para responder às demandas encontradas (MARTINS; MOÇO, 2009).

Sobre a percepção do *movimento de novos processos educacionais como os cursos a distância na sociedade atual*, os termos mais utilizados nas duas amostras foram “Positiva”; “Supre deficiências”; “Disseminação do conhecimento” / “Acessibilidade do conhecimento”; “Qualificação profissional”, “capacitação profissional”; “Não tem como substituir o presencial”; “momento presencial indispensável”.

As principais funções atribuídas a EaD foram visualizadas pelas duas amostras, tanto no que concerne a buscar resolver a questão da necessidade de acesso a educação em locais distantes dos grandes centros universitários, a fim de qualificar a mão de obra, como de responder à necessidade de atualização constante do mercado de trabalho, disponibilizando o conhecimento para trabalhadores em momentos mais propícios a eles (ASSIS, 2003; CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009, MARTINS; MOÇO, 2009. PRETI, 2005; PRETI, 1996; SALDANHA, 2008).

Como pontuado anteriormente, novamente a crença de que a EaD poderia ser substitutiva ou dispensaria momento presenciais apareceu nos discursos em ambas as amostras, o que demonstra ainda uma concepção equivocada dos objetivos da EaD (ASSIS, 2003; PRETI, 2005).

O momento presencial, de fato, é indispensável, e isso também está presente na modalidade a distância, com atividades a serem desenvolvidas nos polos das universidades que trabalham com esse modelo.

Como fora exposto, não há uma pretensão substitutiva ao modelo dito como presencial, mas, sendo apenas mais uma alternativa diante de desafios sociais específicos aos quais a educação deve tentar lidar com diferentes métodos ou modalidades, entre elas, as possibilidades oferecidas pela EaD (ASSIS, 2003; PRETI, 2005; SALDANHA, 2008).

No Grupo 2, em menor grau, apareceram falas relativas à visão de “Ferramenta complementar”; “Precisa amadurecer”; “Deve ser incorporada aos sistemas formais de ensino”; “Falha quando depende mais do aluno”.

Os docentes do Grupo 1 voltaram seu olhar também à “Necessidade de regulamentação”; “fiscalização”; “problema na gestão”; “Perfil diferenciado do aluno”;

“Necessidade de adequação do ensino ao formato (não deve reproduzir o presencial”;
“Preocupação com a qualidade dos cursos”; “Proliferação gigantesca”.

Importante pontuar algumas falas entre os docentes do Grupo 2, que, por um lado, apontam para uma visão mais realística da EaD, vendo-a como uma ferramenta complementar, e que precisa amadurecer e, de fato, fazem-se necessárias reflexões constantes, tendo em vista tratar-se de um campo de grande e rápida mudança atrelada às TIC; por outro, o desconhecimento potencial da proposta, ao dizer que depende mais do aluno, fica evidente.

Não se trata de uma dependência do aluno, mas, de um maior movimento de empoderamento desse, de exigir que sua postura seja mais ativa, em nenhum momento excluindo os demais atores do processo, como gestores e tutores (ASSIS, 2003; PRETI, 2005).

Já a preocupação apresentada pelos docentes do Grupo 2 se justifica, acerca de regulamentação e proliferação de cursos, no jogo de qualidade versus quantidade, tendo em vista a amplitude do território, as políticas públicas ainda precárias no que se refere a EaD e a complexidade dos ambientes informatizados (MARTINS, MOÇO, 2009).

A formação profissional dos responsáveis pelos cursos a distância também aparece nessa questão, sendo de vital importância na construção de uma EaD de qualidade. Todavia, ainda se mostra baixa a exigência e a capacitação profissional da maioria dos envolvidos, o que também se reflete na desconfiança social quanto a essa modalidade (MARTINS, MOÇO, 2009).

A adequação do formato, como fora pontuado, é algo extremamente relevante na Educação a distância, por se tratar de estudantes e de ambientes sociais diversificados em relação à Educação presencial (ASSIS, 2003).

6. Aspectos positivos e negativos no ensino presencial e a distância

Sobre as *características positivas e negativas no ensino presencial e no ensino a distância*, as respostas mais prevalentes em ambas as amostras, como características positivas

do ensino presencial, foram “Contato mais direto (professor – aluno)” e “Melhor feedback, imediato”.

Entre os docentes do Grupo 1, também apareceram, em menor grau, “A avaliação é mais tangível”; “Mais fácil adquirir conhecimento”; “Sabe-se a realidade do aluno”. Aspectos outros que chamaram a atenção dos docentes do Grupo 2 foram: “Maior organização e regularidade na informação”; “Maior interação”; “Contato com ambiente universitário como todo”.

No que se referem às características negativas do presencial, a maioria dos docentes de ambas as amostras, afirmou que não vê “nenhuma”. Outras falas isoladas, entre os docentes do grupo 1, foram “acomodação”; “muito corrido” e, entre os não capacitados, “questões financeiras do aluno”, “deslocamento” e “perda de tempo”.

Já os pontos positivos da Educação a Distância, para as duas amostras, foram “Acesso à informação”; “disseminação do conhecimento”; “Maior alcance geográfico”; “Capacitação profissional”; “Flexibilidade de espaço / tempo”; “possibilidade de estudo de estudo para trabalhadores”.

O Grupo 1 citou a “Facilidade de comunicação professor/aluno” e “Ganho nas disciplinas teóricas”, foram outros pontos levantados. Já os docentes do Grupo 2 destacaram a “autonomia, disciplina, motivação”; e a “complementaridade do ensino”.

No tocante aos pontos negativos da EaD, “parte prática”, “atividades práticas”, foram os lugares-comuns das duas amostras. De resto, as amostras lançaram seu olhar sobre diferentes aspectos.

Os do Grupo 1 apontaram “Descrédito”; “Gestão”; “Falta de planejamento”; “Dificuldade para encontrar talentos”; “Objetiva demais”; “Dificuldade em corrigir falhas”; “Metodologia para aprendizado”, como outros pontos negativos. Já os do Grupo 2 se debruçaram especialmente (falas mais frequentes) sobre aspectos relacionais como “Falta de feedback imediato”; “Restrição da interação”; “Falta de interação direta”; “Distanciamento na relação”; “Pacote”; “Negócio (iniciativa privada)”. A questão da “Avaliação” também fora colocada.

A questão do distanciamento e do feedback novamente aparece como central para os docentes das duas amostras, porém, enquanto o Grupo 1 destacou com mais veemência a facilidade na comunicação, o Grupo 2 vê a comunicação e os níveis de interação como pontos negativos na Educação a Distância.

Como já fora discutido anteriormente, a interatividade será algo dependente da maneira como o curso for constituído (ASSIS, 2003; CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009), sendo diretamente relacionada à prática tutorial, com a qualidade dos recursos tecnológicos, o envolvimento dos alunos, o modo como o ambiente virtual de aprendizagem for configurado, a fim de favorecer o contato entre os membros.

Com efeito, por mais que o feedback do ensino presencial seja mais imediato, os docentes do grupo 1 não viram essa questão como problema, o que pode significar que no curso ofertado, isso não representou problemas no processo ensino – aprendizagem, diferentemente da crença e da preocupação expressas pelos outros.

Ambos, contudo, se preocuparam com a forma como as atividades práticas se delineiam numa modalidade EaD, algo que deve ser problematizado, especialmente articulando momentos presenciais de acordo com as exigências educacionais em cada contexto.

O aspecto avaliativo também foi uma preocupação expressa em ambas as amostras, havendo a crença que a avaliação é mais tangível numa modalidade presencial. Contudo, há diversas formas de avaliação na EaD e de acompanhamento processual, haja vista que é possível visualizar a frequência com que os alunos acessam o Ambiente Virtual; o horário que disponibilizam suas atividades; sua rotina e qualidade de participação em *blogs*, *chats* e discussões, entre outros aspectos (MARTINS, MOÇO, 2009).

Enquanto a maioria dos docentes do Grupo 1 citou como características negativas aspectos político-institucionais e operacionais; o Grupo 2 sempre demarcou, em seu discurso, questões relacionadas à interação entre os envolvidos no processo educativo, que seria precária, segundo eles, numa modalidade EaD.

7. Reflexões do Grupo 1 sobre a capacitação que participaram

As questões tiveram o objetivo de avaliar a visão mais específica do Grupo 1 sobre o curso do qual participaram e sobre alguns aspectos mais particulares da EaD.

Sobre a *capacitação que participou*, a maioria dos docentes avaliou de forma positiva (“gostei muito”, “gostei de tudo”, “excelente”, “boa”, “curso bem dimensionado”), colocando pontos como o debate sobre coisas que não estão em seu dia a dia, a quebra de paradigmas e entendimento da EaD; apesar de alguns terem feitos ressalvas (“excelente não foi”, “poderia ser mais dinâmico”).

No que se refere *ao material oferecido*, a avaliação também foi positiva, sendo tido pelos docentes como de “boa qualidade”, “adequado”, “edificante”, “com exercícios interessantes”, “temas abordados”; tendo apenas um contraponto levantado por um dos docentes quanto à “visualização gráfica dos textos” e a “falta de teóricos mais atuais”.

Sobre a *relação com os tutores*, os entrevistados teceram elogios aos mesmos, afirmando de forma geral um “bom contato” e “relação tranquila”, ressaltando o “feedback rápido” dado por esses sempre que tinham dúvidas e enviavam via internet, fazendo-se “presentes mesmo virtualmente”.

Importante observar a avaliação realizada quanto à tutoria, especialmente quando se remete ao discurso recorrente da amostra dos Grupo 2, quanto ao distanciamento nas relações, a uma preocupação quanto ao feedback dado ao aluno na modalidade a distância.

Como fora pontuado anteriormente, o direcionamento pedagógico e a atuação do tutor, como ressaltado pela amostra do Grupo 1, são fundamentais para superar certas limitações ligadas a distância e garantir a qualidade do ensino, favorecendo a aprendizagem significativa e a construção da autonomia do aluno (PRETI, 2005; MARTINS, MOÇO, 2009).

Mesmo na educação presencial pode haver distanciamento na relação professor – aluno e um feedback deficitário, a depender do modo como ambos se portam, do planejamento de ensino, das atividades desenvolvidas.

Na mesma questão, no que concernem aos recursos tecnológicos, a maioria dos docentes os conceberam como “bons”, “fáceis de usar” e “práticos”. Um dos entrevistados, contudo, apontou para “falhas tecnológicas” que ocorreram no decorrer do curso.

Outros pontos colocados foram que o “ritmo do curso foi muito rápido”, que houve certa “dificuldade em acompanhar o ritmo” e que a “parte teórica poderia ser mais breve”, que dever-se-ia “focar mais na parte prática”, que teria sido corrido, segundo um dos docentes.

Mais uma vez, portanto, as atividades práticas aparecem como uma das questões que causam ressalvas na modalidade EaD, haja visto o paralelo com a modalidade presencial, a qual os estudantes geralmente estão mais habituados.

Quanto aos fatores que dificultaram a aprendizagem, segundo os entrevistados, estão: “aprender a fazer o ambiente sem a presença do tutor no momento”; “falhas tecnológicas”; “a falta de simulação de possíveis dificuldades práticas”; “o desconhecimento inicial sobre EaD”; “a estrutura física, internet e questões operacionais”; e o fato do “curso ter sido rápido, não havendo muito aprofundamento”.

Interessante pontuar que os próprios docentes creem que o desconhecimento em relação à EaD dificultou o contato com a modalidade, algo interessante para se pensar na busca de ampliar a discussão e levar informação mais fidedigna aos potenciais alunos e à sociedade (ASSIS, 2003; PRETI, 2005).

Questões ligadas às atividades práticas voltaram a ser colocadas como aspectos dificultadores da aprendizagem, crendo os docentes que, nesses momentos, o tutor deveria estar presente fisicamente e oferecer maior aprofundamento e atividades, simulando situações reais.

Já os fatores apontados como facilitadores de aprendizagem foram: a “disponibilidade dos tutores” (bastante recorrente nas falas dos docentes); a “flexibilidade de horários e de acesso”; a “quantidade de alunos”; a “boa relação com colegas e tutores”; a “troca de experiências e debates com colegas”; a “familiaridade com os recursos tecnológicos” e a “didática utilizada no curso”.

De acordo com as falas dos docentes, percebe-se que o curso oferecido pela UNIVASF atentou-se cuidadosamente a detalhes centrais numa modalidade a distância, seja a atuação tutorial, o conceito de aprendizagem colaborativa e ambientes virtuais de aprendizagem, e a flexibilidade, sendo avaliados de forma bastante positiva pelos docentes e, de fato, quando são planejados de modo adequado, visam justamente potencializar a aprendizagem e autonomia dos alunos (PRETI, 2005).

Sobre *o impacto da relação com colegas e professores por meios principalmente virtuais*, as respostas foram bastante divididas. Alguns entrevistados colocaram dificuldades de contato com os colegas, sendo poucos os momentos de interação e de possibilidade de realizar exercícios conjuntamente, devido às rotinas de horário pessoais; enquanto outros colocaram que mantiveram um bom contato e aproximação e tiveram boas experiências de troca dentro do curso, chegando inclusive a formar amizades.

Quanto aos tutores, ressaltaram novamente sua disponibilidade, sempre respondendo as perguntas enviadas, e tendo boa relação com eles. Contudo, alguns fizeram ressalvas, especialmente dificuldades nas atividades práticas, enquanto outro entrevistado afirmou não ter tido impacto diferenciado por estar habituado com isso no cotidiano. Outro docente disse que os momentos presenciais são indispensáveis, por exemplo, para decidir certas coisas para o grupo.

Um dos entrevistados crê que a relação por meios virtuais amplia questões emocionais. Já outro ressaltou o sistema de videoconferência como ferramenta interessante, apesar de mostrar preocupação com uma possível tentativa de transposição do modelo presencial para a EaD, já que, segundo ele, a grande vantagem da Educação a Distância é ser assíncrono.

Com efeito, a flexibilidade de horários potencial apareceu nas falas como empecilho para o contato com os demais colegas, não sendo, portanto, relativo à organização do curso em si, haja vista que em falas anteriores, o contato com tutores e colegas ter sido avaliado como positivo, mas, como relativo à disponibilidade interativa dos colegas (ASSIS, 2003;

CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009). Por outro lado, o fato da EaD ser justamente assíncrone foi tido como vantagem por um dos docentes, apresentado outra face dessa moeda.

Sobre o *sentido de autonomia e autoaprendizagem na prática da EaD*, os entrevistados relacionaram o termo “Autonomia” a possibilidade do aluno decidir os horários de estudo, decidir quando aprender, o exercício da escolha, ter liberdade para tal.

Um ponto bastante recorrente nas falas foi que o aluno deve ser muito mais ativo e menos dependente do professor, sendo que um dos entrevistados colocou crer que há uma inversão de papéis, já que, segundo ele, na presencial, o professor é mais ativo e o aluno passivo, ocorrendo o inverso na EaD. Outros entrevistados já pontuam o professor como mediador e facilitador do aprendizado, assim como os recursos tecnológicos.

De fato, um dos pontos centrais na EaD é que haja uma metodologia de ensino que permita o desenvolvimento dessa autonomia, pressupondo uma maior atividade do aluno, na navegação nos ambientes virtuais de aprendizagem, no controle dos momentos e locais de acesso, contudo, em momento algum isso pressupõe um professor passivo (ASSIS, 2003, CRUZ; LIMA; PADILHA, 2009, PRETI, 2005; SALDANHA, 2008. MARTINS, MOLO, 2009).

Como fora apontado nas falas anteriores, é justamente a ação do tutor, sua atuação que auxilia no processo de emancipação do aluno, de fazê-lo interagir e buscar novos conteúdos, a explorar os ambientes virtuais de aprendizagem e a entrar em contato com os colegas, sendo, como fora colocado, um facilitador e mediador do aprendizado.

Quanto à autoaprendizagem, os docentes relacionaram o termo a aprender sozinho, ser autodidata; a aprendizagem depender da vontade do indivíduo, sendo totalmente responsável pelo aprendizado dele. A questão do aluno assumir a responsabilidade, ter que ter muito compromisso e dedicação para cumprir os prazos, um dos docentes colocou que concebe que autonomia é algo que deve ser desenvolvido, enquanto que a autoaprendizagem deve ser estimulada, sendo ligada a união de vários fatores: conteúdo, atuação do professor, modalidade de EaD, autonomia bem desenvolvida.

A visão dos docentes apresentou-se de forma crítica, considerando elementos importantes, como a associação do desenvolvimento da autonomia como veículo para a autoaprendizagem, contudo, novamente, a perspectiva individualista no tocante a autonomia e autoaprendizagem aparece em detrimento a interação com colegas e professores e a interatividade como vias para o desenvolvimento dessas capacidades.

Sobre a *percepção enquanto aluno na modalidade de educação a distância*, a maioria dos entrevistados avaliou ter sido uma experiência tranquila, interessante e estimulante e disseram que suas expectativas foram correspondidas e se identificam com a modalidade e com as possibilidades novas que ela oferece, como a videoconferência.

Algo ressaltado também foi a importância dos tutores, vistos como fundamentais para a aprendizagem, o feedback rápido dado por esses, o domínio do assunto demonstrado e a experiência que esses tinham com EaD.

Aqui, novamente fica clara a importância de se ter em mente que a postura do tutor não é de forma alguma passiva, e que a forma como ele se posiciona no processo ensino-aprendizagem na EaD é decisivo na constituição de ambientes de aprendizagem colaborativa, no desenvolvimento da autonomia do aluno, sendo, como abordado pelos docentes do Grupo 1, o conhecimento na área também é uma forma de transmitir segurança aos discentes, tentando interagir com esses de outras formas, valendo-se dos recursos das TICs, para que eles se sintam acompanhados em seu processo de desenvolvimento.

Algo também abordado nos discursos foi que conseguiu-se conhecer melhor a EaD, como pode ser feita, suas contribuições, contudo, um dos entrevistados acredita que há matérias que não são visualizáveis num curso a distância, devido ainda a questões práticas.

Alguns relataram dificuldades, como: pegar o ritmo; perder os finais de semana, apesar de ser positivo decidir como estudar; e que o curso poderia ser mais extensivo e não tão intensivo; além da avaliação ter sido considerada abstrata, sem critérios claros, algo a ser repensado em outras oportunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos das duas amostras tocaram em pontos bastante semelhantes: educação foi vista pela maioria dos docentes como algo abrangente, que não envolve apenas a formação técnica, mas, produz também, nas relações que ali estabelecem, mecanismos de socialização, formação humana e promoção de autonomia e cidadania.

Contudo, mostra que entre o Grupo 2, os pontos relevantes demonstram a pouca familiaridade com a EaD, como as recorrentes falas sobre o distanciamento aluno – professor como algo negativo na EaD, o que, obviamente, não é via de regra, dependendo sempre das relações que se estabelecem entre os atores envolvidos e da estrutura pedagógica dos cursos, a fim de que essas garantam e promovam a interação dos membros.

Em contrapartida, o Grupo 1 exaltaram justamente a participação dos tutores na capacitação, onde, segundo as falas, esses se mostraram “presentes mesmo virtualmente”. Deve-se ser crítico quanto ao uso das tecnologias, mas, essas não garantem e nem invalidam a interação, que ainda é um empreendimento eminente humano, assim como a educação.

O uso das TIC nos processos de ensino deve ser devidamente contextualizado, com objetivos e metodologias passando por um processo de discussão e planejamento prévio, como os próprios docentes de ambas as amostras apontaram com veemência.

Uma discussão mais aprofundada, quanto aos pontos levantados sobre o impacto da relação tecnológica ser mediadora no contato entre docentes e discentes, pode ser alvo futuramente de discussões e trabalhos mais intensos, tendo em vista ser questão central na Educação a Distância e ter decisivos impactos sobre o processo ensino - aprendizagem.

Outro ponto, esse já lugar – comum para ambos os grupos, é a preocupação com o modo como o ensino de atividades práticas é planejado e se estrutura na EaD, o que também poderia ser devidamente investigado em outras oportunidades.

No que se refere às distinções nos discursos quanto à relação professor – aluno, dentro até das amostras, não houve um lugar comum, além da formação pedagógica ter sido

apontada como deficitária, demonstra que essa precisa ser colocada mais em pauta, não só em relação à modalidade EaD, a fim de construir políticas de ensino mais adaptadas às necessidades e objetivos de aprendizagem vislumbrados.

De maneira geral, os cursos de capacitação em EaD, oferecidos pela UNIVASF, foram vistos de maneira positiva pelos docentes que participaram, especialmente no que se refere à atuação dos tutores e a interação entre os envolvidos, tanto tutores quanto colegas.

Contudo, uma crítica recorrente, segundo os docentes, foi em relação à duração e o tempo de desenvolvimento do curso e das atividades, tidos como sem espaço para aprofundamento, e do foco na parte teórica em detrimento da prática, sendo algo que pode merecer a devida apreciação pelos responsáveis e atores implicados na construção da EaD na UNIVASF.

Diante do que fora expresso nas entrevistas, percebe-se a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre EaD na universidade, tendo em vista a intenção de desenvolvimento dessa modalidade nesta Instituição, para tornar-se uma referência na região.

Como colocado pelos docentes do Grupo 1, uma das grandes dificuldades que esses encontraram, ao entrar em contato com a modalidade, foi o desconhecimento dessa, fazendo-se necessária uma ampliação do debate e da articulação ensino presencial – a distância, a fim de desmitificar certas resistências a respeito da EaD e criar condições favoráveis para uma construção mais coletiva, envolvendo mais atores no processo e criando-se uma cultura mais reflexiva sobre as práticas a distância.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. S. Educação a distância: concepção e desenvolvimento. **Revista Linhas críticas**, v. 9, n. 17, jul./dez. 2003, UNB, p. 197-212.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edição 70, 1994.
- CARVALHO, A. B. **Concepções de Aprendizagem e o Uso da Tecnologia na Educação a Distância: Das Máquinas de Ensinar ao Conceito de Aprendizagem Colaborativa**. In: Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2009, João Pessoa. Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social. João Pessoa: Editora UFPB, 2009.

- CRUZ, F. A.; LIMA, T. N.; PADILHA, M. A. S. **A visão de alunos sobre o conceito de Educação a Distância e a possibilidade de aprendizagem (AVA)**. In: Simpósio Nacional ABCiber, III, 2009, Campus Prof. Francisco Gracioso, ESPM, São Paulo.
- MARTINS, A. R.; MOÇO, A. **Educação a Distância vale a pena?**. Publicado em Nova Escola, Ed. 227, Nov. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/vale-pena-entrar-nessa-educacao-distancia-diploma-prova-emprego-rotina-aluno-teleconferencia-chat-510862.shtml>>. Acesso em 15 mar. 2012.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O. **Pesquisa social**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PRETI, O. **Autonomia do Aprendiz na Educação a Distância: significados e dimensões**. Cuiabá: UFMT/NEAD, 2005.
- _____. Educação à Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: PRETI, Oreste (org.) **Educação à distância: inícios e indícios de um percurso**. Nead/IE/UFMT. Cuiabá: UFMT, 1996.
- PRETTO, N. L.; PICANÇO, A. A. Reflexões sobre EAD: Concepções de educação. In: ARAÚJO, B.; FREITAS, K. S. **Educação a Distância no contexto brasileiro: algumas experiências da UFBA**. (Org) 2005, Salvador- BA. p. 31- 56.
- SALDANHA, L. C. D. concepções e desafios na educação a distância. 05/2008. UNICOC. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/511200810841PM.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2012.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Tecnologia educacional e tutoria**. Curso de Capacitação de Tutores. Núcleo de Educação a Distância. Ambientes de aprendizagem e colaboração. Disponível em: <http://www.cursos.nead.ufpr.br/file.php/477/UD_5_E_11_Tecnologia_Ed_Tut.pdf>. Acesso em 15 mar. 2012.

Marcello Moisés Dias da Silva

Graduado em Psicologia na Universidade Vale do São Francisco-UNIVASF.

Geida Maria Cavalcanti de Souza

Doutora em Psicologia, Mestre em Educação, Professora de Comunicação e Expressão.

Aliny Paiva Sousa

Estudante de psicologia da Universidade do Vale São Francisco- UNIVASF.

Artigo recebido em 15/06/2013

Aceito para publicação em 05/02/2014

Para citar este trabalho:

Silva, Marcelo Moisés Dias da Silva; Souza, Geida Maria Cavalcanti; Sousa, Aliny Paiva **CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA UNIVASF E SUAS IMPLICAÇÕES, Revista Paidéi@.** Unimes Virtual, Vol.5, Número9,J AN.2014. Disponível em <<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>> . Acesso em : __/__/__